

CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO SOCIALISTA DE PISTRAK

Danielle Martins Rezende

Mestranda do Programa de Pós Graduação
em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

Email: daniellemartinsrezende@gmail.com

Pedro Henrique Parada Ferrari

Mestrando do Programa de Pós Graduação
em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia.

Email: paradaferrari@gmail.com

Introdução

Ao analisarmos aspectos gerais da educação socialista em Pistrak nota-se a imensidade de contribuições teóricas e práticas de seus estudos. Comparar suas experiências pedagógicas que ocorreram durante um processo revolucionário na íntegra e de forma direta, com a educação na atualidade não seria conveniente, devido às condições destoantes de realidade vivenciadas. Porém, ao compreender algumas questões pontuais e gerais da educação para Pistrak é possível visualizar o quão atual é seu estudo.

A Rússia foi palco de conturbados momentos históricos, na luta contra a miséria, as desigualdades sociais e nas tentativas de implementação do socialismo. Em 1917 com a Revolução Russa, iniciou-se um regime socialista, e o antigo Império Russo foi dividido em Repúblicas Socialistas Soviéticas (formando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS). Perante esse quadro histórico, fazia-se necessário repensar todo modo de vida da população e suas relações sociais. As instituições escolares não poderiam ficar fora dos novos questionamentos e maneiras de se desenvolver atitudes coerentes com o regime. Muitas escolas socialistas emergiram durante esse período o que propiciou avanços nos debates sobre um novo tipo de educação:

[...] a grande revolução socialista de outubro abriu ante Pistrak e outros professores horizontes avançados e imensos para a aplicação de suas forças, conhecimentos e habilidades na criação da nova escola do trabalho. Quando o Comissário Nacional de Educação (o NarkomPros) começou a organização das primeiras escolas comunas, Pistrak foi trabalhar na Escola Comuna P. N. Lepeshinskiy junto a pedagogos tão entusiastas como ele: R. M. Mikelson (professor de

Ciências naturais e de Economia rural, posteriormente – membro da academia das Ciências Pedagógicas da Rússia, diretor do Instituto de Pesquisa Científica de Pedagogia de Latvia); A. I. Strazhev (professor de História, conhecido metodólogo, posteriormente membro da Academia de Ciências pedagógicas da Rússia; E. A. Berezanskaia (Professora de Matemática, autora conhecida de materiais didáticos e exercícios de Aritmética) e outros. M. M. Pistrak trabalhou por cinco anos como professor da Comuna. Estes foram anos de árduo trabalho, os quais o conduziram , e ao coletivo de pedagogos e seus educandos, aos primeiros resultados positivos, ainda que pequenos, mais perceptíveis, e à confiança da vitalidade da escola socialista (Freitas, 2009, 18)

As propostas colocadas pelo próprio autor no livro Fundamentos da Escola do Trabalho - escrito em 1924 - descrevem o processo de construção de uma pedagogia social através do desenvolvimento de um ensino coerente com o método dialético de interpretação da sociedade (apoiado em teorias marxistas):

(...) a tarefa de construção da nova escola foi tomada por muitos pedagogos. A maioria deles sabia apenas uma coisa – que a nova escola não deveria parecer-se com a antiga, que nela deveria reinar um espírito completamente diferente, que não podia esmagar a personalidade da criança, como foi esmagada pela escola antiga... era preciso abrir uma picada na floresta virgem, trabalhar por sua conta e risco, observar incansavelmente, buscar, cometer erros e aprender com eles. As condições externas eram extremamente difíceis: miséria material, necessidade de gastar uma quantidade enorme de tempo com trabalhos domésticos, e principalmente, incompreensão total do lado dos mais próximos, até mesmo comunistas (Pistrak, 2000, p.106)

Diante do exposto discorreremos de maneira sucinta, sobre os pilares que sustentaram a escola socialista - as ideias pedagógicas que corresponderam a anseios de mudanças, na

edificação da mesma, a relação entre educação e trabalho e a auto organização dos estudantes, através de um debate reflexivo exaltando alguns pontos que possam gerar contribuições para o cenário educacional vigente.

A escola e suas intencionalidades, caminhos para a (des) construção

O atual sistema de produção hegemônico, assim como a própria Rússia socialista, concebe no leito escolar, uma poderosa arma ideológica. Com isso, surgem questionamentos referentes ao ideário capitalista sobre qual a essência e os objetivos propostos pela escola contemporânea, assim como historicamente aconteceu na edificação da escola descrita por Pistrak,

“É preciso desenvolver o hábito da desconfiança e da crítica em relação a todos os produtos que têm marca registrada da burguesia e são importados por nossas escolas” (Pistrak, 2000, p.132)

Ao relacionar escola e sociedade, é perceptível que o espaço escolar e a educação, nada mais são que reflexos concretos do modelo econômico vigente, ocultados cotidianamente pela aparência do modelo capitalista. A organização estrutural desta sociedade desencadeia uma série de reproduções e consequências na educação como segmentação dos saberes, competitividade, autoritarismo, antidiálogo, transferência de conhecimento (entenda conhecimento como algo pronto, acabado). Assumindo que todo processo educacional é carregado de intencionalidades, projeta-se a formação de um indivíduo determinado, ou seja, que cumpre um papel social, possuidor de um perfil de ser humano, apesar de muitas pedagogias tentarem camuflar tal perfilamento com palavras dóceis e bastante subjetivas. Logo, faz-se necessário questionar com veemência, na atualidade, qual cidadão nossas escolas estão formando:

“De fato como o Estado burguês quer educar as crianças? De que cidadãos tem necessidade? Antes de tudo, de cidadãos cujo cérebro nunca possa conceber a possibilidade de abalar as leis “imutáveis” do país. Do ponto de vista da lei, toda revolução é ilegal.” (Pistrak, 2000, P.141)

A essência da educação socialista consiste na formação de indivíduos que se considerem como parte de um todo, que sejam membros da coletividade, e que ao imprimir esse espírito, mantenham e construam um novo regime social sem classes. Para Pistrak, se o real desejo é educar a criança, a escola tem o direito de falar da formação e da direção das preocupações das crianças num sentido determinado. De fato acreditamos que a escola deve tomar frente às funções sociais da mesma, assumindo seus objetivos, porém as formas de atingir uma sociedade sem classes são múltiplas. Nasce uma reflexão – vivemos, diferente de Pistrak, em um momento histórico de hegemonia do sistema capitalista, portanto qual o papel que as escolas assumem, hoje, na transformação da sociedade? - para delinear tal posicionamento, é imprescindível que os indivíduos compreendam os espaços que ocupam em tal sociedade:

É preciso que a nova geração compreenda qual a natureza da luta travada pela humanidade, qual o espaço da classe explorada e qual o espaço que deve ser ocupado por cada adolescente, e que cada um saiba em seus respectivos espaços travar a luta pela destruição das formas inúteis, substituindo por um novo edifício (Pistrak, 2000, p. 31).

Essa escola deve então, ser educadora do povo, da classe trabalhadora. No cenário atual, percebe-se claramente o percurso contrário: as instituições de ensino que deveriam fornecer uma educação capaz de instigar os educandos a assumirem um papel revolucionário não o fazem, na realidade, são extremamente precárias em tal aspecto, cedendo a população apenas a possibilidade de reafirmar o universo do capital:

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu - no seu todo - ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário a máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes. (Mészáros, 2008, p. 35).

Tais perspectivas demonstram que a população não está presente nas tomadas de decisão e muitas vezes não estão imersas em condições para a compreensão do todo, conseqüência disso é a invasão cultural, a contradição educador-educando, o conformismo ao naturalizar os fenômenos que se camuflam de acordo com os interesses da classe dominante e a incapacidade de vislumbrar novas possibilidades. A desigualdade, miséria, a luta de classes e a opressão são veladas por um discurso democrático que quando despido das máscara putrefada do capital exhibe sua armadura engessante instrumentalizada pelo estado burguês.

Em termos práticos, a função social da escola do trabalho se limita ao esbarrar em questões fincadas no modo de produção capitalista, pois a edificação da escola socialista fundamenta-se no coletivo, o qual imprime movimento contrário ao pensamento individualista que transborda o império burguês. Com isso, são gerados determinados valores intrínsecos nos indivíduos que dificultam a criação de condições para mudanças concretas.

A dificuldade de desmascarar o sistema confunde e limita os educandos à meros expectadores, por isso o estudo na escola socialista é direcionado para a realidade atual, considerando-a como: “tudo o que na vida social da nossa época está destinado a viver e a se desenvolver, tudo o que se agrupa em torno da revolução social vitoriosa e que serve à organização da vida nova” (Pistrak, 2000):

[...] estudar a realidade atual, penetrá-la, viver nela. Isto não quer dizer, certamente, que a escola não deva estudar as ruínas do passado: não, deve estudá-las e assim será feito, mas com a compreensão de que são apenas ruínas do passado e de que seu estudo deve ser iluminado à luz da realidade atual no sentido já indicado acima, à luz da luta travada contra o passado e da transformação da vida que deve à sua liquidação (Pistrak, 2000: p.33)

A finalidade da escola perpassa por processos tais como a escolha de objetos, conteúdos que serão colocados no sistema de ensino, a partir de métodos, técnicas e materiais próprios, que geralmente se incluem na perspectiva da manutenção do aparato ideológico vigente. Dessa

maneira, Pistrak demonstra alguns elementos importantes que solidificam a educação socialista:

1) a elaboração das bases da visão de mundo marxista, sendo que esta elaboração não deve ser nem abstrata, nem dogmática, mas real, diríamos transformadora do mundo; 2) a tendência para o ensino pelo trabalho, ou melhor, pela produção, que concretiza o conhecimento e da possibilidade de domínio de objetivos concretos definidos pelos métodos da ciência; 3) formação e direção dos interesses da juventude, isto é, aquilo que nós chamamos de domínio organizado da vida (PISTRAK, 2002, p. 122).

O processo educativo deveria estar associado ao processo de produção da vida real - liberta das falsas concepções econômicas que dispõem os indivíduos em classes - e que contribua favoravelmente para a luta revolucionária conjunta, o que requer dos indivíduos responsabilidades sobre si mesmo diante de um coletivo, ou seja:

exige o desenvolvimento de três coisas básicas: 1) habilidade de trabalhar coletivamente, habilidade de encontrar o seu lugar no trabalho coletivo; 2) habilidade de abraçar organizadamente cada tarefa; 3) capacidade para a criatividade organizativa (Pistrak, 2002, p.126)

Dessa maneira, a escola deve se resumir ao próprio meio social ao qual se quer atingir, sua vivência não tenta reproduzir o mundo lá fora, pois é o mundo lá fora, os indivíduos podem e devem viver e não serem preparados para a vida, e isso só é possível, em instituições objetivas, claras em seus intuítos e dinâmicas que preparem para a ruptura com o capitalismo.

Uma abordagem social do trabalho

A escola capitalista se tornou-palco para o discurso, do qual a instituição escolar tem por função alavancar os indivíduos-para a ascensão social, (mesmo sabendo que tais finalidades nem sempre se cumprem dada as inúmeras contradições do capital, ou seja, não é possível

afirmar que indivíduos que melhor se qualifiquem - através da educação - irão garantir bons empregos, dada as crises econômicas e o exército reserva de desempregados, como nos lembra Marx). O vínculo da escola com o mundo do trabalho gera o sentimento de preparação para o mercado, descolando o universo escolar do sentido histórico e real do trabalho e tornando-o trampolim para este mundo nos moldes em que ele se encontra e se reproduz no capitalismo. A escola capitalista gera uma formação para um mercado competitivo, individualista, assim como esta é em sua própria estrutura, e a escola socialista também não separava o trabalho pedagógico, suas concepções epistemológicas e tampouco da própria vida, porém numa perspectiva não mercadológica do homem.

O trabalho na escola, enquanto base da educação, deve estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil, sem o que perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se, de um lado, à aquisição de algumas normas técnicas, e, de outro a procedimentos metodológicos capazes de ilustrar este ou aquele detalhe de um curso sistemático. Assim, o trabalho se tornaria anêmico, perderia sua base ideológica (Pistrak, 2000: p.38).

Para que haja compreensão sobre o trabalho socialista enquanto parte orgânica da vida escolar é necessário conceber um propósito revolucionário e crítico, e inserir de modo histórico e dialético a vida produtiva no seio do processo pedagógico. Através da formação de verdadeiros cidadãos, ativos, comprometidos, conscientes torna-se possível lutar por reestruturações reais. O processo educativo ultrapassa o ensino, ao englobar na formação o trabalho, o estudo, atividades culturais e políticas e não apenas ao produzir trabalhadores para o que o mercado induz e exige, transformando os indivíduos a meras mercadorias que dificilmente conseguem perceber o ciclo vicioso em que estão inseridos e a forma exploratória a qual são submetidos:

Apresentar o ensino como um meio que se oferece a todos, como uma oportunidade de subida social, oferecida no alvorecer da vida, independentemente da origem social dos indivíduos, é típico da abstrata e oca democracia burguesa e procede uma dupla mistificação, que só tem influência sobre os pequenos burgueses que oscilam entre as classes exploradoras e a explorada. Para a maioria, que só nos

interessa numa visão de classe, o ensino apenas reproduz para o futuro as condições do saber e da ignorância, indispensáveis ao bom andamento do capital. Daqui resulta a sua divisão fundamental em ensino elementar obrigatório e ensino superior, abandonando as crianças mais favorecidas o primeiro a partir da idade de 10 - 11 anos. A seleção feroz (que explica a angústia e por vezes revolta dos jovens) é feita por grosso a partir da base econômica e não da inteligência igualmente repartida potencialmente em todas as classes, dispondo as crianças dos ricos de um meio material que as prepara muito naturalmente para a ideologia e as reações dominantes, e as pobres vivendo no estado que reproduz a pobreza, não condizendo as suas condições com o que lhes é ensinado na escola (Marx & Engels, 1978, p. 38).

O indivíduo é então culpabilizado pelo fracasso, pelo desemprego, pela inaptidão, impregnando estigmas de incompetência sobre aqueles que por razões do próprio capitalismo não atingem sucesso no mercado, pois nem todos, ou melhor a grande maioria não possui a mesma oportunidade.

Ao descrever o trabalho na escola socialista como precioso meio de educação, Pistrak demonstra a importância do caráter social do mesmo. A seleção, exclusão, rotulação iminentes do atual modelo econômico-educativo, geram um quadro de descuido, desatenção sobre o trabalho em si, que torna-se invisível no contexto escolar.

Organização coletiva dos estudantes

Dentre as diversas colaborações da obra de Pistrak, é possível destacar o estímulo a organização coletiva como propósito pulsante da emancipação humana, uma vez que as próprias crianças compreendem o ensino como uma ação fundamental para sua vida. A educação tem importância relevante na transformação da sociedade.

Ao negligenciar o caráter socializante da escola, são inibidas determinadas práticas sociais fora da própria escola, ao passo que valoriza-se atitudes que perfilam com o capital. É dessa maneira, dentro de sua estrutura que essas instituições impõem empecilhos na prática de métodos transformadores. As dificuldades de transformar a ordem estabelecida encontram-se na reprodução conservadora das massas, que são historicamente incapacitadas de perceber as

incoerências no discurso democratizante de mudança e transformação. Nas palavras de István Mészáros determinados ajustes, camuflados pela falsa democracia e pelo reformismo, são admissíveis apenas com o único e legítimo objetivo de corrigir algum detalhe defeituoso da ordem estabelecida, de forma que sejam mantidas intactas as determinações estruturais fundamentais da sociedade (MÉSZÁROS, 2008) . Enquanto isso, nota-se fortemente no interior das escolas-a reprodução e naturalização da não existência de classes.

É preciso superar condições ingênuas a respeito das escolas e situações de controle inerentes ao modelo que a condiciona. Para isso, é necessário conceber um propósito de transformação, pautado em uma organização coletiva. A revolução do curso dos acontecimentos passa também pela transformação do pensamento individual e coletivo. O dinamismo da reconstrução requer para a escola na atualidade, a formação de homens e mulheres verdadeiramente aptos à problematização e ao questionamento, com a capacidade de solucionar problemas individuais e coletivos da comunidade em que está inserido, visando garantir um futuro transformador em dimensões globais, além da universalização da luta:

“... para transformar a escola e para colocá-la a serviço da transformação social não basta alterar os conteúdos nela ensinados. É preciso mudar o jeito da escola, suas práticas e sua estrutura de organização e funcionamento, tornando-a coerente com os novos objetivos de formação de cidadãos capazes de participar ativamente do processo de construção da nova sociedade” (Pistrak, 2000 p.08)

Atualmente muitas questões são passíveis de discussão, pois as ações no âmbito educativo comprometem a qualidade de vida futura. As políticas públicas, o modelo econômico vigente, o conformismo, são preocupantes e acarretam inúmeras conseqüências negativas. Mesmo com tais apontamentos, o contato com escolas precárias, com a dita “educação pública de qualidade” para todos – que sem dúvidas, é um local concreto de transformação fascinante gera medo e esperança – medo, porque a sociedade dificilmente percebe o seu real valor e o que tem acontecido com a escola, esperança, pois é desses mesmos bancos antigos, cansados, que há possibilidades de trabalhar mentes para reconhecer e despertar a criticidade sobre o problema que vivenciamos diariamente submersos em processos educativos pautados numa lógica desumana.

Imaginar o espaço escolar deveria remeter ao surgimento de boas características: criatividade, sonhos, lúdico, realidade. Vivenciar e refletir sobre este espaço inculca pensamentos sobre a

dimensão da importância do papel do educador e de todos os atores sociais da realidade. Sendo assim, indagar como se dá a construção do ensino, ou mesmo porque a escola é estruturada de uma determinada forma, é tarefa obrigatória .

As perguntas superficiais, básicas sobre a estruturação escolar devem ser realizadas – por que será que sentamos em fileiras e as matérias são compartimentalizadas? Por que será que não entendemos de fato a escola como um todo? Por que as unidades escolares tornaram-se extremamente mecanizadas? – as possibilidades para um novo fazer podem ser inúmeras, e para isso precisa-se romper com a lógica do mercado, e pautar novas concepções na luta:

“A pedagogia da luta educa pra uma postura diante da vida que é fundamental para a identidade de um lutador do povo: nada é impossível de mudar e quanto mais inconformada com o atual estado das coisas, mais humana é a pessoa. O normal, o saudável é estar em movimento, não parado. Os processos de transformação são os que fazem história”. (Benjamin, Caldart, 1999, p.52)

O futuro pertence a todos e especialmente à juventude proletária, que se mostra singular, que embarca nas salas de aula, carregada de crenças, e concepções individuais sobre a realidade. Será possível formar cidadãos com as presentes condições? Cidadãos que amanhã, não vão se omitir perante qualquer injustiça, que vão retirar as lentes da conformidade e olhar pro mundo com mais criticidade, pessoas que, conseqüentemente, irão construir um mundo novo?

Os preceitos da organização coletiva de Pistrak demonstram que é possível, sem que o indivíduo negue sua própria individualidade, já que a mesma precisa do coletivo para avançar e aprimorar, pois “Nem se aprende, nem se luta espontaneamente.” (PISTRAK, 2009, p. 95). Conclui-se que é preciso em conjunto: pensar, viver, questionar o espaço escolar... É preciso sonhar, transformação!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREITAS, Carlos L. *A luta por uma pedagogia do meio: revisando o conceito*. In Pistrak.
 MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. *Crítica da educação e do ensino*. Moraes Editores, 1978.
 MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital - Segunda edição-* São Paulo: Boitempo, 2008. - (Mundo do trabalho).
 PISTRAK, Moisey M. *Fundamentos da escola do trabalho*. SP: Expressão Popular, 2000.

